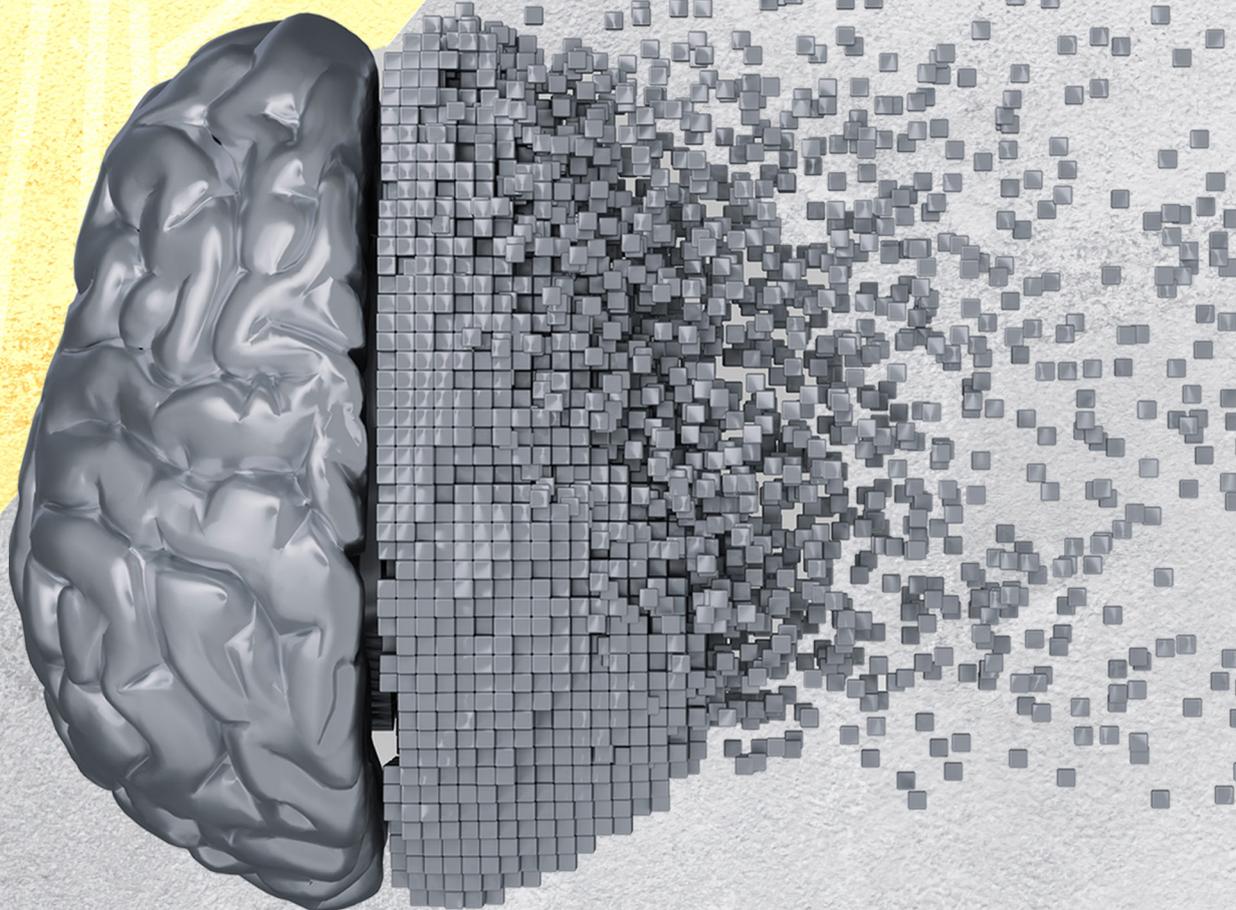


# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Natália Sandrini e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.  
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIA MACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

**TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

**INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA** os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**

**ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM**, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvoriz analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos	
Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia	
Sabrina Speckart Ribeiro	
Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo	
Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

**CAPÍTULO 7 ..... 78**

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa  
Nathália Fritsch Camargo  
Guilherme Costa da Silva  
Tamara Lansini Tolotti  
Thayze Maria Marques Torbes  
Guilherme Briczinski de Souza  
Christofer da Silva Christofoli  
Juliane Pinto Lucero  
David de Souza Mendes  
Mariana Edinger Wieczorek  
Eduardo Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.7841924047**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso  
Márcia Alves da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.7841924048**

**CAPÍTULO 9 ..... 91**

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira  
Mariele Rodrigues Correa

**DOI 10.22533/at.ed.7841924049**

**CAPÍTULO 10 ..... 107**

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

**DOI 10.22533/at.ed.78419240410**

**CAPÍTULO 11 ..... 117**

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos  
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti  
Bruna Camargo  
Guilherme Silva Costa  
Patrícia Krieger Grossi

**DOI 10.22533/at.ed.78419240411**

**CAPÍTULO 12 ..... 129**

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

Ariadne Mazieri de Moraes  
Francisco Xavier Freire Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.78419240412**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>176</b>
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>190</b>
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>204</b>
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>207</b>
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78419240419</b>	

**CAPÍTULO 20 ..... 217**

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.78419240420**

**CAPÍTULO 21 ..... 233**

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

**DOI 10.22533/at.ed.78419240421**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 243**

## O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

**Flavio Ribeiro De Oliveira**  
**Mariele Rodrigues Correa**

**RESUMO:** O presente texto relata resultados do projeto de pesquisa realizado no ano de 2017 e 2018 junto a idosos asilados, crianças de uma escola estadual de Assis e alunos de psicologia do 5º ano da UNESP com o objetivo de analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. Nesse sentido a pesquisa realizou-se com caráter qualitativo, com relatos produzidos em sala de aula pelas crianças de uma escola estadual de tempo integral localizada na periferia da cidade de Assis – SP, sob a supervisão da Professora Doutora Mariele Rodrigues Correa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Assis-SP. Os relatos foram elaborados dentro da sala de aula com a ajuda das professoras de português e artes que formularam questionários com respeito à questão do envelhecimento, do contato com os idosos e a universidade, além da avaliação da disciplina resultando numa construção de novas perspectivas em relação ao envelhecimento. A pesquisa revelou-se oportuna para compreender os laços sociais que se formam a partir do encontro entre gerações

e permitiu também aprofundar o conhecimento: do asilo, como instituição que propõe-se a amparar e cuidar de idosos; da escola que opera a partir de um novo modelo de tempo integral com disciplinas eletivas com liberdade de escolha pelos alunos e; da universidade, em especial para o curso de psicologia que amplia o conhecimento e a atuação para além da clínica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento. Coeducação. Intergeracionalidade.

**ABSTRACT:** This text reports results of the research project carried out in the year 2017 and 2018 with the elderly asylum, children of a state school in Assis and students of psychology of the 5th year of UNESP with the objective of analyzing the discourses of the reports produced by the children in relation to the meetings with the elderly and the university students in order to understand intergenerational aspects and the role of coeducation. In this perspective, the research was carried out with a qualitative aspect, with reports produced in the classroom by the children of a full-time state school located in the periphery of the city of Assis-SP, under the supervision of PhD Prof. Mariele Rodrigues Correa of the Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Assis-SP. The reports were elaborated inside the classroom with the help of Portuguese and arts teachers who formulated questionnaires

related to the issue of ageing, contact with the elderly and the university, besides the evaluation of the discipline resulting in a construction of new perspectives in relation to ageing. The research was timely to understand the social ties that are formed from the intergenerational meeting and also allowed to deepen the knowledge: of asylum, as an institution that proposes to support and care the elderly; of the school that operates from a new full-time model with elective disciplines with freedom of choice by students and; of the university, especially for the course of psychology that extends knowledge and performance beyond the clinic.

**KEYWORDS:** Ageing. Coeducation. Intergenerationality.

## INTRODUÇÃO

Pesquisas recentes (FRANÇA, SILVA E BARRETO: 2016) indicam o crescimento da expectativa de vida da população tanto no mundo quanto no Brasil, que neste caso, no ano de 2020 chegará em média aos “75 anos, representando 34 milhões de idosos, ou seja, 15% da população” (FRANÇA, SILVA E BARETO: 2016, p. 519). Assim, Pasinato & Camaro (2004) apontam para a necessidade de políticas públicas que contemplem o processo de envelhecimento tendo em vista que muitos idosos e idosas aposentam-se, em sua maioria, com apenas um salário mínimo. Além disso, os idosos passaram a constar em novos marcadores sociais que categorizam o envelhecimento (DEBERT, 2004; CORREA, 2009; SILVA, 2008) e, nesse sentido encontramos, por um lado, o grupo denominado Terceira Idade, que é visto como aquele que possui condições econômicas acima da média da população idosa e por isso é visto como um filão a ser explorado. Por outro lado, os que não se enquadram nesta tipificação são classificados como velhos e muitos deles são colocados em instituições asilares por diversos fatores, que vão desde a impossibilidade de estarem sozinhos por algum motivo de doença ou deficiência ou ainda por abandono dos familiares. Ser velho ou da terceira idade não atinge o total das representações a que estes estão submetidos, existem ainda outros marcadores como “melhor idade”, “idosos” “idade madura”, tudo isso, todavia só reforça a questão de que há uma construção social da velhice, conforme observam Borini & Cintra (2002)

As marcas e signos que acompanham cada palavra conferem uma certa identidade a cada “tipo” das pessoas envelhecidas; há com efeito uma construção social da velhice. Ao “velho” são atribuídas as imagens de doença, solidão, inatividade. O termo idoso é utilizado em documentos jurídicos, para efeito de leis e direitos deste grupo da população e para a Terceira Idade são atribuídos signos de saúde e bem-estar (p. 569).

A expectativa de vida vem crescendo devido ao avanço da medicina, o cuidado e a prevenção de doenças e, neste ponto específico, destacam-se as campanhas preventivas na qual as mulheres participam de maneira muito mais efetiva do que os homens o que pode ser percebido pelo alto número de mulheres viúvas do que homens (NERI, 2014). Embora se constate que há um crescente número de idosos

com impactos significativos na sociedade pouco, se tem produzido em especial no que diz respeito a políticas públicas no cuidado com aqueles que alcançam este momento de suas vidas. É certo que há o Estatuto do Idoso, instituído pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, visando proteger e garantir direitos aos idosos; outros dispositivos como o Centro de Convivência do Idoso (CCI), atividades nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e o acompanhamento no Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS) para casos específicos de violência e abandono contra os idosos, tentam proporcionar um movimento de cuidado. Contudo ainda percebe-se a fragilidade tendo em vista o número de atendimentos em relação ao tamanho da população.

No caso do Asilo este segue o modelo de instituição total conforme aponta Goffman (1974), onde se percebe o horário rígido e específico para as atividades do dia construindo uma rotina que privilegie a equipe de trabalho e não os internos; a constante vigilância em relação aos idosos; a destituição do “eu” com a retirada de pertences, vale lembrar que para a permanência nos asilos é cobrada uma taxa e no caso dos aposentados isso equivale a 70% de seu rendimento, e algumas “lembranças”; um certo isolamento do mundo exterior, dadas as grades e o controle da entrada e saída de pessoas no recinto do asilo; e não só isso, mas também o alojamento e o refeitório caracterizados pela coletividade em detrimento da individualidade. Nota-se também que,

É preciso ficar muito pouco tempo em um asilo para rever suas impressões iniciais. O cotidiano com o qual nos deparamos está longe de ser, quer a manifestação da suposta experiência da solidão, quer um momento de desprendimento dos valores e angústias, tidos como próprios da vida dos mais jovens. Surpreende, nos asilos, a quantidade de conflitos, brigas e desentendimentos entre os residentes e deles com o pessoal técnico e administrativo (DEBERT: 2004, p. 100).

Nota-se que os idosos asilados tendem a perder a sua dignidade em função de não poderem escrever a sua própria história uma vez que muitos são tratados como incapazes e por isso não conseguem expor seus pensamentos e, quando o fazem, muitas vezes não são levados em consideração. Assim nota-se que o ambiente asilar tende a desconstruir lentamente o idoso passando a tratá-lo, muitas vezes, como um objeto uma vez que aos poucos vai perdendo sua possibilidade de decisão sobre seu próprio corpo, seus desejos, sua mobilidade e, para alguns, seus afetos.

Por outro lado, temos as crianças no contexto da escola que tem o regime de tempo integral a fim de, segundo o Governo de Estado de São Paulo, proporcionar maior tempo de estudo para as disciplinas do currículo considerado normal e cursar outras disciplinas que possam favorecer o desenvolvimento e o protagonismo das crianças na sociedade. Dentre estas disciplinas que visam favorecer a interação da criança com a sociedade destacam-se as chamadas “eletivas” nas quais os alunos fazem a opção dentro de um leque de escolhas.

No caso da experiência que será relatada no presente texto, nos anos de 2017 e 2018, tivemos a oportunidade de oferecer uma disciplina eletiva, em parceria com

duas professoras da escola do interior paulista, que contemplava o olhar das crianças para o envelhecimento de forma prática, com visitas ao asilo. As visitas são utilizadas pelas docentes como elemento disparador a fim de apresentar a realidade dos idosos asilados aos estudantes e ao mesmo tempo proporcionar subsídios para um posterior relato por escrito. Os registros dos relatos são feitos em um caderno e os estudantes têm total liberdade para escrever segundo as orientações que foram elaboradas pelas professoras.

As crianças, então, são levadas à reflexão no que diz respeito ao envelhecimento e neste movimento de visitas produz-se a intergeracionalidade, pois a partir das questões elaboradas pelas professoras e algumas informações dos alunos do curso de Psicologia sobre o envelhecimento podem: ouvir histórias dos idosos que ali estão; estabelecer contato com pessoas idosas diferentes de sua realidade; criar vínculos através de cartas lembretes ou presentes. A memória do idoso, que é significativa para a vida de uma sociedade, conforme salienta Bosi (1994), é resgatada à medida que este relembra e conta suas histórias para as crianças que, por sua vez, tornam-se solidárias ao idosos diminuindo o distanciamento atual entre as gerações conforme assevera (FERRIGNO, 2013):

Sabemos que o preconceito em relação ao outro (a quem atribuímos características diversas das nossas) se manifesta sob várias formas: machismo; homofobia; xenofobia; racismo; intolerância (religiosa, étnica e política); e, entre elas o preconceito etário. Este se exterioriza pela intolerância recíproca entre mais jovens e mais velhos. Preconceito, portanto, de mão dupla. Há tanto atitudes negativas dirigidas aos idosos quanto discriminações que os adultos impõem a crianças e adolescentes, fenômeno que os americanos chamam de ageism (p. 13-14).

No contexto familiar das crianças a questão sobre o envelhecimento assinalou que o marcador “avô/avó” desatrelou-se, em uma parte significativa de casos. Atualmente, há vários casos pessoas sendo avós precocemente por causa da gravidez na adolescência, fato que faz parte da rotina de muitas meninas da escola atendida por este projeto, as quais, por desconhecimento de métodos anticoncepcionais ou por desejo, acabam sendo mães com 11, 12, 13 anos de idade sendo que suas mães também engravidaram precocemente. O resultado desta combinação são avôs e avós com idade baixa e assim, ao relatarem sobre idosos dentro de seus lares era comum encontrar a bisavó e o bisavô ainda vivos.

Um outro segmento que participa da experiência do projeto aqui relatado são universitários do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, campus de Assis, que contribuíram efetivamente no processo da intergeracionalidade atuando como estagiários que possuíam acesso tanto ao asilo quanto a escola. Isso facilitou o processo de construir pontes entre os vínculos dos idosos e das crianças, tendo em vista a atuação profissional para além do espaço clínico tradicional, no qual se percebe os processos de subjetivação envolvidos na formação de possíveis vincularidades. Um aspecto a se levar em conta é que o trabalho aqui relatado foi realizado em meio a um contexto de desigualdade social

que “se caracteriza por ameaça permanente à existência. Ela cerceia a experiência, a mobilidade, a vontade e impõe diferentes formas de humilhação (SAWAIA: 2009, p. 369) e, por isso o papel dos alunos se mostrou amplamente ancorado numa perspectiva social. Nesse sentido a ação dos universitários amparou-se no que diz Baró (1997): “o trabalho profissional do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a que deve atender” (p. 7).

Apesar dos diferentes grupos reunidos, de diferentes gerações, não houve incidentes, ao contrário, o que se viu foi uma interação muito rica entre idosos, as crianças e os universitários o que significa a superação das diferenças através do diálogo e da convivência, embora, em algumas ocasiões pareça ter ocorrido uma certa insatisfação, o que seria comum conforme atestam Ruschel e Castro (1998): “A experiência cultural de geração para geração não acontece de forma passiva, assumindo facetas multivariadas como as provocadas pelo distanciamento entre gerações” (p. 523). Todavia os encontros ocorreram de forma interessante sem nenhum problema sério.

Nota-se, assim, a relevância da intergeracionalidade e sua ressonância nos idosos, nas crianças, nas professoras, na equipe asilar e nos estudantes universitários ao revelaram aspectos significativos, pois se antes abriu-se caminho para a “separatividade” conforme descreve Ferrigno (2013), destacando, nesse sentido, o distanciamento entre as gerações, compreendido “como falta de interesse pelo outro (idem, p. 51). Com a ação intergeracional percebemos novas possibilidades que, dentro da área da educação revelou-se significativa porque “é certo que, até em seus últimos dias, os velhos podem ser aprendizes da vida, também é verdade que eles têm muito a ensinar, principalmente aos jovens” (idem, p. 83). Assim, percebemos que,

Comentando as potencialidades da terceira idade que tendem a valorizar a velhice, Ecléa Bosi destaca a ampla compreensão – seja da perda da vitalidade física, seja da memória imediata para detalhes do cotidiano – que provém do desenvolvimento da memória social, da sensibilidade e do discernimento voltados para as coisas essenciais da vida. No relacionamento com os jovens, tais qualidades se mostram indispensáveis. Em um movimento dialético de retroalimentação, como num ciclo virtuoso, o estabelecimento dessa imagem mais positiva da velhice tem favorecido, em atividades de lazer, a aproximação dos jovens e dos idosos; na medida em que tal interação mostra aos jovens que os mais velhos permanecem capazes, a imagem positiva se reafirma e se consolida (Idem, p. 86).

## O ASILO

Houve uma mudança na nomenclatura e o asilo passou a chamar-se Instituição de Longa Permanência para Idosos e segundo Camarano e Kanso (2010) o envelhecimento populacional apontou para a necessidade de suplantar o modelo asilar que possuía caráter caritativo, por isso “a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sugeriu a denominação” (Idem, p. 234), contudo cabe ressaltar que

Para a Anvisa, ILPIs são instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (Idem, p. 234).

Mesmo possuindo uma nova nomenclatura a estrutura do asilo ainda compõe-se do paradigma de funcionamento de uma instituição total conforme acentua Goffman (1974) com sua “tendência ao fechamento” (p. 16), principalmente em relação aos idosos que são abandonados pela família. É verdade que alguns idosos chegam por conta própria, mas em sua grande maioria o asilo com o qual trabalhamos é composto por idosos que foram conduzidos pela família e também pelo poder público, seja na área da assistência social ou na área da justiça.

Em sua rotina o asilo impõe uma rotina rígida, para alguns, uma total perda de contato com o mundo exterior e “o processo de admissão também leva a outros processos de perda e mortificação” (Idem, p. 24). Não é raro deparar-se com a morte de alguns idosos decorrente de múltiplos fatores o que acaba acentuando o pensamento de finitude, de solidão e o fantasma do desamparo, diante disso o sofrimento e o luto fazem parte da vida do idoso asilado e que “o mesmo precisará de atenção e ajuda dos profissionais da equipe, pois a maioria dos idosos não possui a rede social de apoio que funciona como ferramenta de suporte para a superação do luto” (Silva et. al. 2007, p. 101).

A proposta de intergeracionalidade para com idosos asilados propicia a formação de laços sociais além de que,

constitui uma alternativa a um modelo de organização etária da sociedade, procurando unir grupos geracionais através da criação de laços; respeita e cultiva o passado, enraíza-se no presente e pode preparar um futuro, evitando processos de discriminação e de exclusão social (VIEIRA: 2012, p. 125).

## A ESCOLA

A escola da rede estadual de ensino caracteriza-se por enquadrar-se na categoria “tempo integral”, ou seja, o horário para os alunos é das 7h às 15h de segunda a sexta-feira, sendo que, no período da tarde as tarefas desenvolvidas ampliam-se para além do currículo comum e adicionam-se diversas atividades, entre elas, o de uma matéria que pode ser escolhida pelos alunos. Para que isso ocorra os professores das diversas áreas se unem e propõem uma maneira de desenvolver de forma criativa sua disciplina, cidadania e projeto de vida.

As professoras das disciplinas de Português e Artes propuseram a eletiva “Conviver é uma Arte” com o objetivo de desenvolver junto aos alunos um olhar sobre o envelhecimento aproveitando-se deste tema para ampliarem o conhecimento dos alunos, a escrita na forma de relato e de atividades artístico-expressivas que os alunos possuíam dos idosos. A forma de entrada na eletiva é por escolha com um número

limitado a trinta e cinco alunos e, para que isso ocorra, todos os professores promovem de forma criativa o que a eletiva está oferecendo.

O tema do envelhecimento foi escolhido porque havia a percepção de que um número significativo de alunos é cuidado pelos avós ou têm a sua casa sustentada por algum deles. O bairro onde a escola está inserida localiza-se na periferia da cidade e conta com um número de aproximadamente trezentos e cinquenta alunos matriculados no período integral e vários alunos frequentam a escola por causa do alimento que é oferecido no café da manhã, no almoço e um lanche à tarde.

As condições socioeconômicas dos alunos apontam para a realidade de periferia na qual encontram-se os que têm os pais que trabalham e conseguem sobreviver de alguma forma, os que têm os pais separados e precisam de ajuda dos programas do governo e os que estão com os pais encarcerados ou foram abandonados pelos genitores e por isso moram com parentes como avós, tios, etc. Alguns estudantes iniciam a vida no tráfico precocemente sendo que existe uma grande quantidade de alunos que passaram pela Fundação Casa e outros que cumprem medidas sócio educativas. Por isso, ao oferecer a disciplina, há uma possibilidade de propor a formação de novos vínculos com outras pessoas com contextos diferentes.

## **A UNIVERSIDADE**

A Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp – Campus de Assis possui dentre os seus cursos o programa de Psicologia que oferece diversos estágios e oportunidades de intervenção junto a comunidade e, por isso, alunos do quinto ano do curso de psicologia desenvolveram seu estágio junto a escola estadual atuando junto a eletiva “Conviver é uma arte” interagindo com as crianças ao mesmo tempo que atuavam no asilo tendo a oportunidade de vislumbrar estes dois horizontes.

A interação com as crianças se deu de maneira satisfatória porque não houve dificuldade no estabelecimento de vínculos e o que se notou foi que as crianças logo aprenderam os nomes dos estagiários que circulavam pela sala de aula no auxílio das atividades coordenadas pelas professoras. Os estagiários já conheciam os idosos porque desenvolviam atividades junto ao asilo como parte do desenvolvimento do estágio que tem como tema o envelhecimento e, por isso, os vínculos estavam formados e aproximar os idosos das crianças tornou-se uma tarefa que trouxe muita satisfação para todos.

Os universitários adicionaram um novo elemento na convivência entre os idosos e as crianças proporcionando uma intergeracionalidade rica pela sua composição heterogênea que ao mesmo tempo trouxe desafios intensos e, por outro lado, proporcionou encontros marcantes com troca de experiências, vivências e muita emoção. A atuação dos estagiários foi significativa na medida que usavam as ferramentas que possuíam do curso de Psicologia com muita atenção, escuta e um olhar sensível para campo ali proposto, principalmente quando as três gerações se

encontravam.

Os estagiários atuaram sempre com a supervisão de uma professora da universidade que oferecia suporte a fim de que os estagiários pudessem explorar ao máximo as atividades propostas pelas professoras das crianças assim como os encontros que se deram na escola, na universidade e no asilo e, nesse sentido, é significativo destacar que esta atuação não se deu de forma que chamou a atenção de todos, ao contrário, a atuação discreta, porém pontual facilitou muitos momentos onde as crianças e idosos interagiam possibilitando uma comunicação mais fácil e compreensível para ambos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Ao longo do oferecimento da disciplina “Conviver é uma Arte”, desenvolvemos um projeto de iniciação científica, no qual valemo-nos da pesquisa qualitativa com o pressuposto metodológico da cartografia de Gilles Deleuze (1925-1995). A cartografia possui características que levam em consideração a produção de desejo, o contexto e os processos de subjetivação, e neles incluídos a coeducação e a intergeracionalidade dos sujeitos envolvidos nos encontros. Por isso, compreendemos que

A cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas (ROMAGNOLI: 2009, p. 169)

Com isso foi possível mapear “movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (FILHO & TETI, 2013, p. 47). Nesse sentido, há o acompanhamento dos encontros e também das aulas da disciplina eletiva “Conviver é uma arte” que engloba o estudo do envelhecimento, a produção de relatos escritos, tendo em vista uma das professoras lecionar Português e também a produção artística, visto que a outra professora leciona Artes, e posteriormente aos encontros entre idosos e estudantes são produzidos relatos, que descrevem o momento do encontro na perspectiva dos alunos. Nossa observação, portanto, esteve focada tanto nos encontros como na análise dos relatos produzidos pelos alunos. A proposta deste estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), com número CAAE 76923317.8.0000.5401.

A pesquisa iniciou-se em agosto de 2017 e encerrou-se em agosto de 2018, revelando que o processo de coeducação acontece de maneira potente neste encontro de gerações produzindo novos conhecimentos e saberes, mesmo porque “a interação entre as gerações desvela interesses, experiências e motivações que podem contribuir para os novos rumos a serem tomados” (MALTEMPI, 2009, p. 9). Por isso, verificamos o processo de coeducação sendo produzido com a possibilidade de olhar o outro como

sujeito, dentro de suas concepções de mundo ainda que diferentes em seus desejos e interesses. Para os idosos é significativo verificar a construção de vínculos que ajudam a romper, para alguns, a solidão, o isolamento e o fantasma do abandono, conforme Borges & Magalhães (2011). Nos encontros com os estudantes, os mais velhos podem exercitar sua memória, uma fonte rica de saberes acumulados e significativa para a sociedade, segundo Bosi (1994), com a qual transmitem valores culturais e históricos que indicam como o presente foi pavimentado pela história destes e de muitos outros idosos e idosas que contribuíram para construção da sociedade. Em relação aos estudantes, verificamos o surgimento de um novo olhar, uma nova compreensão sobre envelhecimento, tendo em vista que a caracterização sobre o envelhecimento está associada à incapacidade do idoso, não só em relação a mobilidade, mas também a questão intelectual, em certa medida relacionada a uma infantilização da velhice.

Com o intuito de desenvolver a pesquisa realizamos observação participante (MARTINS, 1996) nas aulas da disciplina eletiva “Conviver é uma arte” acompanhando todo o seu desenvolvimento pelas professoras de português e artes com o propósito de promoverem a interação das crianças, jovens e idosos, assim como as visitas realizadas pelas crianças no asilo e na universidade e também acompanhamos as visitas dos idosos na universidade e na escola.

No primeiro mês de observação participante houve o acompanhamento da pesquisa pela professora supervisora bem como pesquisa bibliográfica e leitura do material que era produzido em sala de aula tanto os desenhos que eram orientados pela professora de artes e os relatos orientados pela professora de português.

Nesta fase inicial da pesquisa como observador participante foi considerável pois podemos instituir um contato proveitoso tanto com as crianças quanto com os idosos o que foi determinante para a continuidade das próximas etapas da pesquisa. Durante este período foram realizadas uma visita ao asilo por parte das crianças e uma visita à universidade sendo que, para a visita ao asilo foram levantadas duas questões que as crianças deveriam perguntar aos idosos: “Como foi a sua infância?” e “Como é viver em um asilo?”. Já na visita ao campus da universidade, as crianças foram recebidas pelo grupo de estagiários que, num primeiro momento, convidaram estudantes dos cursos de letras, biotecnologia, psicologia e história para contarem um pouco de cada curso, como é a vida universitária e as formas de acesso ao vestibular. Após esta apresentação as crianças conheceram o espaço físico da universidade com os estagiários.

No retorno à disciplina e sala de aula na escola, as crianças foram instruídas a relatarem sua experiência de contato com os idosos para sabermos qual a impressão que tiveram deste primeiro contato e podemos perceber que este contato foi marcante principalmente porque as crianças não conheciam absolutamente nada a respeito do asilo e seu funcionamento. Também ficaram sensibilizadas com as histórias narradas pelos idosos e que escreveram em seus cadernos. Neste período houve reuniões com a supervisora para avaliarmos os encontros e as possibilidades de ampliar a

investigação.

A segunda fase de nossa pesquisa concentrou-se em ampliar o tema do envelhecimento principalmente em sala de aula com a participação dos estagiários que desafiaram os alunos a falarem acerca sobre o imaginário de velhice e a realidade que encontraram no asilo. Neste sentido a produção de relatos intensificou-se não somente em quantidade de linhas que os alunos escreviam, mas também em qualidade porque esse aprofundamento do tema do envelhecimento proporcionou a reflexão das possibilidades e das dificuldades encontradas. Esse material foi recolhido e analisado pelo pesquisador e pela supervisora e serviu para fundamentar os resultados e discussões que seguirão mais abaixo.

Por fim, na terceira e última fase da pesquisa realizamos a análise dos dados. Neste último período aconteceram dois encontros marcantes que reuniram os alunos, os idosos e os universitários em locais diferentes. O primeiro deles deu-se na universidade, em que idosos e crianças puderam interagir na quadra poliesportiva para ouvirem uma apresentação da bateria da faculdade e ofereceu momentos de interação nos quais os idosos puderam dançar e, posteriormente tanto os idosos quanto as crianças puderam manusear os instrumentos. O segundo encontro deu-se no encerramento do período da eletiva na escola. Esse dia, chamado de “Culminância”, é o momento em que os alunos apresentam para os pais e convidados que vão à escola como foi o desenvolvimento da disciplina e o que aprenderam. Para esse encontro foi ensaiada uma música tanto pelos idosos quanto pelas crianças que juntos cantaram a música “Menino da porteira” que foi muito aplaudida pelos presentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos das crianças foram separados e inseridos a partir da assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) por parte dos pais ou responsáveis. As aulas da disciplina eletiva “Conviver é uma Arte” aconteceram em dois semestres, semanalmente, com uma hora e meia de duração e com a participação de trinta e cinco alunos matriculados regularmente no sexto e sétimo ano do ensino fundamental, com idades entre 11 e 13 anos. Ainda nesse período escolar não notamos uma diferença significativa da produção entre participantes meninas e meninas o que acontece de forma quase que igualitária, se bem que, é preciso mencionar, conforme já salientado acima que, muitos alunos e alunas frequentam a escola por força da legislação dos direitos aos benefícios assistenciais que associam o recebimento da ajuda à frequência escolar.

Em relação ao contato com os idosos um dos relatos das crianças informa a importância desses encontros em relação ao seu projeto de vida:

Eu gostei muito de ter ido na Unesp e gostei muito dos velhinhos e fiquei muito comovida com a história deles. Achei muito legal e emocionante. Tem um velhinho lá muito novo, da idade da minha avó, mais ou menos. Na Unesp eu gostei de ir

por causa também do meu projeto de vida e por ter conhecido algumas pessoas lá. Gostei de ver a parte da música. Nós podemos também conhecer outros asilos, outros idosos e leva-los também na Unesp. Eu gostei muito dessa eletiva. (R1).

A escola de tempo integral tem como um de seus objetivos trabalhar a questão do projeto de vida proporcionando ao estudante a possibilidade de visualização de seu futuro e, nesse sentido, percebemos que o Projeto de Vida do relato acima tem a ver com a identificação com o cuidado com o idoso, e por isso, notamos que os idosos,

Transmitem sua história pessoal e a história da comunidade, permitindo aos jovens conhecerem suas origens e se enraizarem em sua própria cultura. Conhecendo seu passado, os jovens entendem melhor o seu presente e projetam seu futuro de modo mais realista e promissor (FERRIGNO: 2006, p. 68).

O que percebemos é “uma ampliação do universo cognitivo, verbal e emocional pela troca de saberes” (RUSCHEL & CASTRO, 1998) que opera tanto nos idosos quanto nas crianças estabelecendo um vínculo que ultrapassa os limites que a sociedade quer impor com a construção de uma velhice que possui diversos marcadores e, por isso abre-se oportunidades de um conhecimento mútuo, além da valorização dos envolvidos e transformando-se em uma prática diária, que ultrapasse o ambiente familiar conforme observa Vituri (2013).

Outro relato sinaliza o vínculo produzido pela eletiva na vida das crianças e como isso tem reflexos posteriores que vão desde o movimento de esperar até o dia da aula chegar até a valorização do sentimento em relação ao idoso.

Meu dia começou bem legal porque era dia de eletiva, na sexta feira, e nesse dia me vesti como uma velhinha e foi muito gostoso fazer parte dessa brincadeira com minhas amigas. Ficamos esperando os idosos e finalmente eles chegaram. Ao ver aqueles idosos descendo deu um aperto no coração. Ao ver eles descendo de muleta, cadeira de rodas, etc. Nossa... naquela hora eu me senti afundada. Esse mundo precisa saber o que eles fazem, por que foram abandonados. Sua própria mãe ou pai e isso dói muito, porque você não ia querer que seu pai e sua mãe fizesse isso com você e, se você é deixado, você é especial! O mundo não pode amar você, mas nós amamos e por isso fizemos um teatro que teve até gente que chorou porque tudo o que fizemos era uma realidade. Amei estar com esses idosos e o mundo precisa saber da realidade. Queria levar todos eles lá também e depois fomos conhecer a horta com eles. Nossa, foi um prazer e até teve comida e bebida (R2).

Os vínculos que foram criados pelos participantes oferecem a eles uma localização no mundo conforme asseveram Pszemiarower & Pochtar (2011) ao compreendem que a intergeracionalidade aciona os mecanismos que revelam aos participantes a realidade do mundo que vivem e, por isso, tendem a se mostrar mais receptivos e compreensivos. Assim a intergeracionalidade aparece como instrumento que se coloca contra o individualismo que está presente na sociedade:

A intergeracionalidade se constitui como uma iniciativa para despertar o sentido das relações intergeracionais em um mundo individualizado. É importante destacar que as chances para uma relação positiva entre as gerações existem e, para isso, é preciso multiplicar as oportunidades de expressão da experiência e do desejo de mudança de todos os envolvidos, independentemente da idade (MIRANDA, 2013, p. 7).

Um fato que chama a atenção é o desenvolvimento do respeito e da cidadania que envolvem as crianças, os idosos e os universitários. Nas cenas de convívio é comum flagrar um apoio de uma criança para com um idoso que está caminhando, ou oferecendo ajuda na distribuição de algo para comerem tanto no asilo quanto na escola ou ainda universidade, e mais, disponibilizando-se para empurrar a cadeira de rodas do idoso. Tal mudança se mostra tão profunda que ao final da eletiva a gestão da escola insiste que a disciplina continue a trabalhar com as crianças de 6º e 7º ano porque é perceptível a mudança nos alunos em relação ao respeito para com o próximo. Desta forma, “a interação com as pessoas idosas fez com que revissem posições estigmatizadas, aprendendo a respeitá-los e a valorizar suas histórias de vida” (MASSI et. al., 2016, p. 405).

Notamos que o processo de intergeracionalidade promove um processo co-educação que se dá, por um lado, a partir dos idosos que transmitem suas memórias e sabedoria, enquanto que, por outro lado, as crianças e jovens podem transmitir valores do tempo que estão inseridos conforme Ferrigno (2006).

Outro relato ressalta a importância da convivência:

O dia que os idosos vieram aqui teve muita coisa: teve bolo, salgado, refrigerante e até teatro das meninas. Nós servimos os idosos os salgados, bolo e refrigerante e demos lembrancinhas. Mas o que mais me marcou sobre a aprendizagem foi o convívio. Gostei muito desta eletiva e que ela melhore cada vez mais (R3).

Entendemos nesse relato que o convívio foi destacado e isso ressalta a importância da intergeracionalidade, pois “quanto à participação social, ressalta-se a importância da integração do sujeito que envelhece ao seio familiar e comunitário pelo fortalecimento de vínculos entre pessoas de diferentes gerações” (MASSI et. al.: 2016, p. 400), por isso os laços intergeracionais revelam uma articulação dialética na contemporaneidade sendo que há momentos de tensão, mas há momentos de convívio possível segundo Borges & Magalhães (2011). Percebemos no relato a construção de uma narrativa que considera os vínculos estabelecidos entre as crianças e os idosos, pois, “a interação entre criança e idoso pode propiciar uma perspectiva em que seja possível a construção narrativa do mundo pela criança e a significação das experiências de uma vida pelo idoso” (BRANDÃO et. al.: 2006, p. 100).

A convivência foi fundamental para conseguirmos realizar a pesquisa e encontramos um caminho com suas dificuldades e possibilidades, porém os resultados revelaram que a intergeracionalidade é um instrumento facilitador significativo que produz efeitos que mobilizam forças nos sujeitos envolvidos oportunizando novas maneiras de ser no mundo.

## CONCLUSÃO

O contato com as crianças, os idosos e os universitários indicaram que a intergeracionalidade foi um tema que pode ser desenvolvido e aprofundado através

dos encontros que ocorreram na escola, no asilo e na universidade o que permitiu uma reflexão crítica sobre o funcionamento destes espaços juntamente com as possibilidades de convivência e troca de experiências. Ser participante e investigador de um projeto que estuda o envelhecimento populacional proporcionou um olhar ampliado, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da pesquisa, salientando que a cidade de Assis concentra um grande número de idosos aposentados.

Essa prática possibilitou conhecer as diversas questões que envolvem o envelhecimento e sua dimensão nas crianças da escola e também com os universitários e o como a intergeracionalidade oferece caminhos que permitem a criação de vínculos, o respeito as diferenças e a valorização das partes envolvidas sendo que, para as crianças é um processo de aprendizado dos diversos saberes que os idosos possuem e, por outro lado, podem contribuir para que os idosos tomem conhecimento do mundo atual com suas demandas e belezas. Para os idosos o momento de ensinar favorece o exercício da memória conforme salienta Bosi (1994) que traz consigo um rico legado sociocultural. São as histórias que compõem o cotidiano e possibilitam uma revisitação ao passado com momentos que criam vínculos que tendem a permanecer. Ao ouvirem as crianças, os idosos têm a possibilidade de atualizarem-se em relação ao mundo. No que diz respeito aos universitários estes compreendem uma relação interessante, pois têm a conveniência de poder dialogar tanto com as crianças quanto com os idosos de forma que podem contribuir com suas experiências para com as crianças no sentido de viabilizar a possibilidade do sonho de cursar uma universidade pública gratuita e, em relação aos idosos, oferecerem escuta sensível para as suas demandas.

Consideramos que a intergeracionalidade é um instrumento de diálogo e de possibilidades,

Os estudos levantados parecem indicar o benefício de programas intergeracionais que envolvem a entrada de crianças em espaços destinados a idosos, e vice-versa, ou mesmo a criação de instituições que atendam às duas faixas etárias, na medida em que estes possibilitam a interação continuada em torno de atividades conjuntas (BRANDÃO, et. al. 2006, p. 102).

Entendemos que neste processo, apesar das diferentes idades, houve também o estabelecimento de vínculos o que caracteriza a possibilidade de contato com novas pessoas e isso expôs uma face do quanto os idosos asilados temem a solidão e o abandono, o que de fato, para muitos acontece, mesmo porque,

A maioria das pessoas não se prepara para a velhice por diversos motivos. Um deles é que essa etapa está associada à ideia da própria morte, tema relativamente evitado pelas pessoas em todas as faixas etárias na atualidade (SOARES, et. al. 2009, p. 136).

Compreendemos que o processo intergeracional rompe com o isolamento no qual os idosos tendem a permanecer no asilo, por isso, “o oposto do isolamento – ainda condição de muitos velhos – é a integração, muito se fala da necessidade de integrar o idoso ao convívio social” (FERRIGNO, 2013, p. 86) e é nesse sentido que o encontro com jovens e crianças promove a valorização do idoso como sujeito que

direciona suas ações e pensamentos além do que confere dignidade respeitando seu saber e a sua vontade.

Supomos que a facilidade com que os idosos criam vínculos tem a ver com a solidão e o medo do abandono, porque, segundo Borges & Magalhães (2011),

a ideia de igualdade na constituição dos vínculos intergeracionais se faz de forma inversa: pela possibilidade de identificação dos mais velhos com os mais jovens. É justamente quando o mais velho se mostra investido de atributos da juventude que ocorre a identificação intergeracional, processo que se efetua, muitas vezes, pela negação das diferenças que definem cada geração (p. 177).

Ao participar das atividades notamos que o processo intergeracional proporcionou vínculos que superaram, além das barreiras etárias, outras diferenças, tais como a sócio econômica. Isso demonstra que, de modo geral, os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados e os resultados excederam as nossas expectativas que, de maneira bem específica, deu-se especificamente nos relacionamentos que foram construídos entre os participantes idosos, crianças e universitários e na questão do projeto de vida das crianças que foram modificados para atender os idosos.

Por fim a pesquisa ultrapassou para além da intergeracionalidade propondo novos meios para problematizar questões que envolvem a psicologia e que estão para além da clínica oportunizando a discussão sobre um tema que está cada vez mais intenso em nossa sociedade, pois o envelhecimento chega para todos, sem exceção e como vamos encara-lo depende de um profundo debate em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990.

BORGES, Carolina de Campos & MAGALHÃES, Andrea Seixas. **Laços intergeracionais no contexto contemporâneo**. Natal, Estudos de Psicologia, pp. 171-177, maio/agosto 2011.

BORINI, M.L.O & CINTRA, F.A. **Representações sociais da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade**. In: Rev. Bras. Enfermagem, Brasília, v. 55, n .5, p . 568-574, set./out. 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRANDAO, Lenisa et al. **Narrativas intergeracionais**. Psicologia Reflexão Crítica, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 98-105, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil**. Revista brasileira de estudos de população, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 232-235, June, 2010.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. ISBN 978-85- 7983-003-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

FERRIGNO, José Carlos. **Conflito e cooperação entre gerações**. São Paulo, Edições SESC, 2013.

FERRIGNO, José Carlos. **A Co-educação entre gerações**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v.20, p.67-69, set. 2006. Suplemento n.5.

FERRIGNO, José Carlos. **Cooeducação entre gerações**. São Paulo, Edições SESC, 2010.

FILHO, K. P. & TETI, M. M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. In: *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013

FRANÇA, L. H. F.; SILVA, A. M. T. B.; BARRETO, M. S. L. **Programas intergeracionais: quanto relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira?** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, p. 519-531,2010.

GOFFMAN, Irwin. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.

MARTIN-BARO, Ignácio. **O papel do Psicólogo**. Estudos de psicologia. (Natal), Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, June 1997.

MASSI, g. et. al. **Impacto das atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos**. In: Revista CEFAC, Curitiba, Mar-Abr; 18(2), p. 399-407, 2016.

MIRANDA, D. S. **O SESC integrando as gerações por meio da ação cultural**. In: **Cadernos SESC de Cidadania**. Intergeracionalidade. São Paulo, Ano 4, N. 8, 2013.

NERI, A. N. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

PASINATO, M. T. & CAMARO, A. A. **O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas**. In: CAMARANO, A. A (org). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2004.

PSZEMIAROWER, Santiago; POCHTAR, Nora. **Relações intergeracionais como contribuição para a construção de uma cultura de paz**. In: A terceira idade: estudos sobre o envelhecimento / Serviço Social do Comércio. St. Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. V. 22, n. 50, p. 48-65. São Paulo, SESC-GETI, 2011.

ROMAGNOLI, R. C. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. In: Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, 21 (2), 166-173, 2009.

RUSCHEL, Ângela Ester; CASTRO, Odair Perugini de. **O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder**. *Psicol. Reflexão. Crítica*. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 523-539, 1998.

SAWAIA, Bader Burihan. **Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social**. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, Dec. 2009.

SILVA, C. A, et all. **Vivendo após a morte de amigos: uma história oral de idosos**. Florianópolis, *Texto Contexto em Enfermagem*, 16 (1), pp. 97-104, janeiro/março, 2007.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 155-168, jan-mar 2008.

SOARES, J.A. et. al. **O idoso institucionalizado e a reflexão sobre a própria morte**. São Paulo, *Revista Kairós*, 12(1) pp. 135-147, janeiro 2009.

VIEIRA, Sacha Lima. **Relações intergeracionais: as barreiras da institucionalização**. São Paulo: revista temática Kairós gerontologia, pp. 119-133, fevereiro 2012.

VITURI, Gabriel. **Prática diária**. In: Cadernos SESC de cidadania. Intergeracionalidade. São Paulo, Ano 4, número 8, 2013.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-278-4

